

A SOLIDÃO DA PALAVRA EM FERNANDO PESSOA

Marcos Falchero Falleiros

As palavras são para mim corpos tocáveis, sereias visíveis, sensualidades incorporadas. Talvez porque a sensualidade real não tem para mim interesse de nenhuma espécie – nem sequer mental ou de sonho –, transmudou-se-me o desejo para aquilo que em mim cria ritmos verbais, ou os escuta de outros.

Fernando Pessoa, *Livro do desassossego*, § 259

Premissa maior

Toda a poesia de Fernando Pessoa é a vontade de estar no mundo e a consciência de não estar nele. O anseio por essa aderência escolheu a estratégia da diversidade heteronímica em que a vontade finge em vão e se anula esgotada. Mesmo a poesia a que o poeta reservou o timbre de seu nome, ele-mesmo, busca essa aderência quando se abre para a História e, re-Camões, re-Vieira, busca a sensibilidade épica. Interseccionismo, sensacionismo, paulismo são outros resultados dessa atividade em si mesma, cujo resultado maior é a expressão de dor do desenraizamento: a poesia.

Alberto Caeiro e Ricardo Reis são a invenção poética de uma *utopia*, que nas suas contradições internas já deixa latente a derrocada em Álvaro de Campos, o cindido esquizoide, o metafísico que namora borrar-se de chocolate, o chato melancólico que não sabe bem se é ele mesmo que em si se sente. Essa fragmentação do ser mostra-se claramente como resultado inevitável do mundo vivido por Fernando Pessoa, se observarmos o artificioso mas sincero esforço para evitá-lo em que se empenharam os outros dois heterônimos.



Ricardo Reis inventou o lugar da permanência do pensamento mítico. Mas é uma permanência que se denuncia a todo instante, mesmo através do discurso que a elabora, como uma vontade de retorno de quem, na verdade, ocupa lugar em uma cultura racionalista unificada pelo cristianismo. Esse fingimento é ainda otimista, celebra a vida e adia “Álvaro-de-Campos”. Mas, como em Alberto Caeiro, é *poesia-normativa*, que, na impossibilidade da constatação do real, ausente deste lugar inventado, circula pelo *dever-ser* dos imperativos (“Deixai-me a Realidade do momento” (PESSOA, 1983, p. 198: 330¹)), também implícitos nas invocações (a Lídia, a Cristo, aos cristãos e a outros deuses).

Tal orto-doxia, postura que constitui, modela e fabrica cada uma dessas duas personagens-poetas, manifesta-se em Caeiro com radicalidade maior e, daí, com inviabilidade e incoerência multiplicadas. O lugar que esse *rio de discurso* inventa é o lugar do silêncio. E o tom pausado com que ele nega a metafísica é o da reflexão.

Nietzsche vocifera, no §5 de sua *A filosofia na época trágica dos gregos* (1873), retomando as palavras que resmungou Heráclito, o obscuro:

É à vossa vista curta e não à essência das coisas que se deve o fato de julgardes encontrar terra firme no mar do devir e da evanescência. Usais os nomes das coisas como se tivessem uma duração fixa; mas até o próprio rio, no qual entráis pela segunda vez, já não é o mesmo que era da primeira vez. (NIETZSCHE, 1999, p. 256).

Por trás do problema do vir-a-ser, que a palavra negligencia, o resmungo também vem da constatação da ruptura que a palavra instaura: da ruptura que a palavra é. Heráclito é o nostálgico que percebeu a fratura recém-inaugurada. Ele, o ermitão melancólico, já e tardiamente, tenta agarrar com unhas desesperadas o mundo escorregadio perdido pelo homem, em seu novo estado perverso. Por isso fala pouco, mas fatalmente fala. Dois mil e quinhentos anos depois, essa ingênua concisão não é mais possível.

Se a palavra é o sintoma da greta que inaugurou o binômio cultura-natureza, ela, na medida em que procura o objeto, é também, simultaneamente, a tentativa de soldar essa ruptura. Não há outro caminho para Alberto Caeiro se não falar – para negar a linguagem e a solidão que ela em si representa. Negar a linguagem é, pois, negar toda a perversão em que o “bom selvagem” caiu. É negar o princípio-de-realidade que engendra o social, a moral, a ética, a política. Essa é a única coerência a que Caeiro tem direito. É doído ouvir dele estas páginas cheias, inventando um silêncio que acaba sempre por deixar de fora o poeta-falante:

Mas as flores, se sentissem, não eram flores,
Eram gente;
E se as pedras tivessem alma, eram cousas vivas, não eram pedras;
E se os rios tivessem êxtases ao luar,
Os rios seriam homens doentes. (p. 153: 233).

1 Todos os poemas a seguir remetem a esta mesma edição citada, que apresenta os poemas numerados sequencialmente. Tal numeração vai indicada neste trabalho após o número da página.



Fernando Pessoa caminha pela Rua da Baixa, em Lisboa. Foto sem data.

E é nessas dores implícitas que se prenuncia Álvaro de Campos. Depois da mentira-pasárgada de Alberto Caeiro e Ricardo Reis, redoma sistemática e acariciante, Álvaro de Campos não pode mais fingir *agora* a felicidade lenta da utopia que garante a todos o estar, o meu-lugar-no-mundo calmamente. A poesia agora fala do mesmo lugar que a nega. Sem utopia, “não sei se o meu lugar real é no mundo ou nos teus versos” (p. 271: 443) – todos repetimos a ele aquilo que ele repete de si mesmo a Walt Whitman. Porque nos Tempos Modernos, a lírica inaugura um novo tipo de figura para constituí-la: a metáfora sem aura das ruas, metáfora suja, que expressa a ausência do mundo. Por um lado, o exílio é visto como perda do mundo metaforizado: “E toda a minha alma uma toalha suja que escorregou para a chão” (p. 344: 522). Por outro, a vontade de estar no mundo cultiva com resignação a metáfora em sua sordidez: “E o meu coração é um albergue aberto toda a noite” (p. 339: 517). Mas, antes disso, a expressão da ausência e da vontade de êx-tase onipresente deve ser construída por uma linguagem também banida e saudosa, a poesia:

Desde Parmênides nosso mundo tem sido o da distinção nítida e incisiva entre o que é e o que não é. O ser não é o não-ser. Este primeiro desenraizamento – porque foi como arrancar o ser do caos primordial – constitui o fundamento de nosso pensar. Sobre esta concepção construiu-se o edifício das ‘ideias claras e distintas’, que, se tornou possível a história do Ocidente, também condenou a uma espécie de ilegalidade todas as tentativas de prender o ser por caminhos que não fossem os desses princípios. Mística e poesia viveram assim uma vida subsidiária, clandestina e diminuída. O desenraizamento tem sido indizível e constante. As consequências desse exílio da poesia são cada dia mais evidentes e aterradores: o homem é um desterrado do fluir cósmico e de si mesmo. (PAZ, 1976, p.40).

Premissa menor

A subjetividade, isolada do processo interativo da práxis, anseia por ser “círculo fechando todas as possibilidades de sentir”, “o sujeito e o objeto, o ativo e o passivo” – “alma omnívora”, em *Saudação a Walt Whitman*, de 11-06-1915 (p. 274: 443). A subjetividade não se afasta: o mundo a isola à proporção que o valor-de-troca domina plenamente as relações sociais quando transforma em mercadoria a força-de-trabalho, jogando-a para o campo da objetividade, como coisa. O racionalismo opera a unificação que move esse processo em abstrato: tudo é dinheiro. Este medeia a relação do homem com o mundo, e, enquanto mediador abstrato, dessensibiliza, isola e aliena. Álvaro de Campos grita de dor, mas seu grito, não de oposição, é apenas resultante desse processo de dilaceramento que só lhe possibilita duas opções: a primeira, cuja recusa funda sua poesia e o degreda: “Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?”, [...] “Vão para o diabo sem mim” (p. 291: 450); a segunda, submete-o a um retorno ao mundo pela via da coisificação: o “eu de cabeça para baixo no centro de minha consciência de mim” (p. 286: 445), que grita insistentemente, em *Passagem das horas*, de 22-5-1916:

Hela-hoho, comboio, automóvel, aeroplano minhas ânsias,
Velocidade entra por todas as ideias dentro,
[...]
Colhe no giro do teu volante vertiginoso e pesado
Os corpos de todas as filosofias, os tropos de todos os poemas
Esfrangalha-os e fica só tu, volante abstrato nos ares,
Senhor supremo da hora europeia, metálico a cio. (p. 287: 445).

A dominação pela coisa é o preço masoquista que o Eu que namora o mundo deseja pagar para se diluir nele. A subjetividade solteira circula em torno de si mesma deitada nos devaneios de sua auto-habitação solitária. Em *Ode triunfal*, de 6-1914:

Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!

Em vão se declara:

Notícias desmentidas dos jornais [...]
Adubos, debulhadoras a vapor, progressos da agricultura [...]
Progressos dos armamentos gloriosamente mortíferos [...]
Amo-vos a todos, a tudo, como uma fera.

Implora:

Atirem-me para dentro das fornalhas!
Metam-me debaixo dos comboios!
(p. 240-243: 440).

E insiste em *Ode marítima* [1915?]:

Roço-me por tudo como uma gata com cio por um muro!
(p. 258: 442).

E se ilude, ingênua, de que conquistou seu *objetivo*:

Limpos, regulares, modernos como um escritório com *guichets* em redes de] arame amarelo,
Meus sentimentos agora, naturais e comedidos como *gentleman*,
São práticos, longe de desvairamentos, enchem de ar marítimo os pulmões,
Como gente perfeitamente consciente de como é higiênico respirar o ar]
do mar.
(p. 267: 442).

Mas, afinal, não deixa de ser a ilha desesperada de *Saudação a Walt Whitman*, em 11-06-1915:

Abram-me todas as portas!
Por força que hei de passar!
[...]
Se for preciso meto dentro as portas...
[...]
Sou EU, um universo pensante de carne e osso, querendo passar, [...]
O espírito que dá a vida neste momento sou EU! (p. 271: 443).

As atividades da solidão tecem o aviltamento do sujeito a caminho do nada. A imaginação é a projeção dos fragmentos do real feita com as lentes da vontade. Do real, a imaginação recolhe as cenas da empiria, que a vontade deforma e atualiza a seu modo, na prolixidade aflitiva de todos os poemas mesmos:

A minha vida passada misturou-se com a futura,
(p. 335: 513).

Todas as paisagens que vi através de janelas ou vigias [...]
E tudo isso que é tanto, é pouco para o que eu quero.
(p. 275: 445).

Galgo p'la minha imaginação fora em torrentes, [...]
Pensando nesta estreiteza da minha vida cheia de ânsias,
(p. 254: 442).

Atualização fictícia, porque não se *realiza*. Atualização, porque a empiria é o que a memória registrou: a empiria é o que já foi, e a vontade quer que ela seja agora o que a vontade quer:

A raiva de todos os ímpetos fecha em círculo-mim! [...]
Eu, sinto que ficou fora do que imaginei tudo o que quis,
(p. 287: 445).

Portanto, se a vontade se recolhe, a imaginação se desativa. Sobra a empiria, isto é, o passado:

O sonho pesa-me antes de o ter. Sentir
É tudo uma coisa como qualquer coisa que já vi.
(p. 290: 448).

Mas o passado endossa o martírio do presente, como em *Aniversário*, de 15-10-1929:

Raiva de não ter trazido o passado roubado na algibeira!...
(p. 314: 473).

Tanto quando no poema datado de 30-04-1926:

O florir do encontro casual
Dos que hão sempre de ficar estranhos... [...]
Grandes mágoas de todas as coisas serem bocados...
Caminho sem fim...
(p. 295: 454).

Fantasia, Saudosismo ou Nostalgia, eis o brinquedo decrépito de quem perdeu o real. A abulia é a vontade desacreditada no que projeta – o cansaço do que não realiza, mas imagina: a vontade, desapropriada do mundo, não tem perspectiva, mas engendra ilusões, fechada em si

mesma no exercício sem objeto da imaginação, até atingir o Tédio, como em *A casa branca nau preta*, de 11-10-1916:

Nem sonho, nem cismo, um torpor alastra em meu cérebro... [...]
A impossibilidade de tudo quanto eu nem chego a sonhar
Dói-me por detrás das costas da minha consciência de sentir...
(p. 288: 446).

Como ainda no poema de 22-08-1935:

É o sono da soma de todas as decepções,
É o sono da síntese de todas as desesperanças,
(p. 332: 506).

Isto é, em *Lisbon revisited* de 1926:

Não sei que destino ou futuro compete à minha angústia sem leme; [...]
Não, não sei isto, nem outra coisa, nem coisa nenhuma...
E, no fundo do meu espírito, onde sonho o que sonhei,
Nos campos últimos da alma, onde memoro sem causa
(E o passado é uma névoa natural de lágrimas falsas),
Nas estradas e atalhos das florestas longínquas
Onde supus o meu ser,
Fogem desmantelados, últimos restos
Da ilusão final,
Os meus exércitos sonhados, derrotados sem ter sido,
As minhas coortes por existir, esfaceladas em Deus.
(p. 294: 452).

Imaginação, Saudosismo e Tédio. E para reativar o processo ensimesmado, Ópio:

Por isso eu tomo ópio. É um remédio.
Sou um convalescente do Momento.
Moro no rés-do-chão do pensamento
E ver passar a Vida faz-me tédio.
(p. 237: 439).

A palavra subjetivada não se adere ao real e essa solidão em “círculo-mim” faz, dos versos, verbalismo, em *Insônia*, de 27-3-1929: “Versos a dizer que não tenho nada que dizer” (p. 309: 468). A poesia é a brecha desprezível oferecida pelo mundo à sua marginalidade como voz sem eco. Álvaro de Campos repele a esmola desse paradoxo que o gerou, e pede a Walt Whitman:

Quero intercalar-me, imiscuir-me, ser levado,
Quero que me façam pertença doída de qualquer outro, [...]
Só para não estar simplesmente escrevendo estes versos!

(p. 273: 443).

Diante dessa Nada, aquele que buscou sensações fica com o sentimento da Vileza. E o círculo-mim termina mais uma vez a sua volta: Ópio – Imaginação – Saudosismo – Tédio – Verbalismo – Nada – Vileza.

Conclusão

Charada para Álvaro de Campos:

O que é, o que é?

A luz lúcida do lugar
sombrio, em que me habito
revela a silhueta exata a espiar
diluir-se o que a constitui em grito.

Referências

- NIETZSCHE, Friedrich. *Obras incompletas*. Seleção de Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os Pensadores).
- _____. *La filosofía en la época trágica de los griegos*. Traducción, prólogo y notas de Luis Fernando Moreno Claros. Madrid: Valdemar, 2003. (El Club Diógenes).
- PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1976. (Debates)
- PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. Composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. Organização Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. *Obra poética*. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.

Marcos Falchero Falleiros

Professor de Literatura Brasileira e Literatura Comparada na UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em Natal, atuando principalmente nos seguintes temas: Graciliano Ramos e Manuel Bandeira.